

A gaiivota, Joana D'Arc, e a minha avó

© Christophe Raynaud



Milo Rau, o dramaturgo e encenador suíço que dirige o Festival de Viena, traz-nos a criação que estreou na última edição do Festival d'Avignon como espectáculo itinerante. A sua *La lettre* cruza as histórias íntimas de dois intérpretes com uma obsessão comum a ambos: *A gaiivota*, de Tchecov, que hoje à tarde esteve no centro da discussão do Encontro da Cerca deste ano.

Jogando com a ideia de que um jovem artista se define a si mesmo quer pelos papéis que interpreta, quer pela sua história familiar, neste “estudo cénico”, segundo o próprio, Milo Rau explora os acontecimentos que, de forma praticamente imperceptível, acabam por alterar os cursos das nossas vidas: conflitos geracionais,

história política, amor e morte. Com um tom desopilante e pleno de humor, *La lettre* constitui-se como um manifesto daquilo que o ‘teatro popular’ poderia ser nos dias de hoje. Da história de Joana D'Arc até à *Gaiivota* de Tchecov, a representação dos dois jovens intérpretes desta peça — o actor belga Arne De Tremmerie e a actriz francesa Olga Mouak, a que se juntam as vozes gravadas de Anne Alvaro e Isabelle Huppert, entre outras — desdobra-se em vários níveis, num constante vai-e-vem entre a arte e a vida.

Em entrevista, Milo Rau revelou que este espectáculo nos conta a história de uma dupla obsessão: “Por um lado há a de Arne, o actor, que deseja ardentemente encenar *A gaiivota*

porque a sua avó, uma antiga estrela da rádio flamenga, adorava a peça. Tinha querido representar o papel da jovem Nina, ou mesmo o de Arkadina, a personagem da mãe: são dos papéis mais desejados do teatro clássico. Essa senhora morreu na altura em que o Arne entrou para o Conservatório, e em que se estreou justamente com *A gaiivota*. Por outro lado, temos Olga, a actriz, de ascendência camaronesa por parte da mãe e da avó. Essa sua avó vivia nos Camarões e sofria de esquizofrenia: ouvia vozes. Acabou por morrer queimada, sem que se tivesse alguma vez esclarecido as circunstâncias da sua morte. A Olga acabou por crescer em Orleães e deixou-se apaixonar por Joana D'Arc, essa figura histórica tutelar que ouvia vozes e que morreu na fogueira — e que hoje em dia, infelizmente, é utilizada como símbolo por alguns grupúsculos fascistas. Ora, estas duas histórias são incrivelmente coincidentes, assim como as obsessões dos nossos dois intérpretes: quer a vontade de Olga, de contar a história da sua avó através da história de Joana D'Arc; quer a de Arne, de contar a história de *A gaiivota*, por seu turno, por meio da voz da sua. Como é frequente nos meus espectáculos, a estrutura dramática assenta em várias camadas: por um lado, uma narrativa geral, pertencente à história da literatura ou do teatro, ou ainda à História ‘com H grande’, e, por outro, elementos mais específicos, como é o caso das motivações pessoais ou das biografias dos intérpretes de cada projecto. A estes dois níveis de representação vêm juntar-se ainda outras reflexões mais específicas, próprias do mundo do teatro, como por exemplo: ‘Como é que se morre em cena?’, ou ‘O que é que se entende por teatro popular?’”.

Amanhã no Palco Grande da Escola D. António da Costa

Noite de Quixotes

Foram entregues ontem à noite os dois prémios atribuídos anualmente pelo Festival: no final de *Teatro Delusio*, o encenador alemão Hajo Schüller recebeu das mãos de Rute Moura, directora do Departamento de Cultura da CMA, o D. Quixote que premiou o Espectáculo de Honra 2026. Antes da peça no Palco Grande, foi a vez de Fernando Gomes receber o seu Quixote, durante a homenagem que lhe foi dedicada, e na qual intervieram Rodrigo Francisco, Rute Moura, o actor Luís Pacheco e a actriz Teresa Faria. Fernando Gomes agradeceu aos oradores as palavras que lhe foram dedicadas, e a José Manuel Castanheira a sua instalação de homenagem, intitulada *A paródia de um rei sem palácio*.

© Pedro Castanheira



© Pedro Castanheira



Em Almada estamos fora, mas em casa

© Pedro Castanheira



Há festivais em que passamos o tempo a olhar para o relógio. Em Almada, acabamos por esquecer-nos de que temos um. No ano passado actuei cá numa peça dirigida por Joël Pommerat: *Marius*. E este ano voltei, de férias, com essa sensação estranha de regressar a um sítio que, ao mesmo tempo, me pertence e não pertence. Talvez um grande festival seja isso mesmo: um lugar onde, apesar de estarmos fora, nos sentimos em casa.

O Teatro Municipal Joaquim Benite é um sítio pleno de uma poesia tão bela quanto a de Pessoa. Nos bastidores, entre os mecanismos para fazer subir e descer as varas de luz, no meio dos cabos eléctricos e dos ecrãs de controlo, há um pequeno altar que vela discretamente sobre aquelas e aqueles que fabricam os espectáculos: os santos estão lado-a-lado com as fichas triplas. No teatro os milagres são as mais das vezes feitos pelos técnicos. E que técnicos estes! Têm essa

elegância rara que consiste em fazer desapaecer tudo o que é impossível. Resolvem os problemas antes que eles ocorram, e acabam por sorrir naquele preciso instante em que qualquer um de nós já estaria a explicar por que é que alguma coisa não vai ser possível. Até dá vontade de nos pormos a criar complicações só pelo prazer de os ver resolvê-las...

Mas essa graça não se fica pelos bastidores do palco. Parece circular por todo o lado. Na equipa do acolhimento, em que todos os sorrisos são sinceros. Na bilheteira, onde ficamos com a sensação de sermos esperados, em vez de simplesmente inscritos. Na Esplanada, onde os encontros se prolongam no tempo embalados por músicos maravilhosos, cujas melodias nos fazem sonhar. Cada um à sua maneira dá à palavra 'acolhimento' uma profundidade que criamos reservada aos grandes textos.

Sentimos que este Festival é feito com uma ideia simples e no entanto tão rara: os artistas não são só uns convidados de passagem, mas sim membros de uma mesma família. Em Almada vimos apresentar um espectáculo e voltamos para casa com muito mais do que recordações. Regressamos convencidos de que o teatro é talvez, antes de mais, o seguinte: uma comunidade de indivíduos que escolhem, todas as noites, fabricar um pouco de beleza em conjunto. E eu, francamente, acho que isso é já um pequeno milagre.

Elise Douyère

O século do Variedades

Muito antes de se imaginar a pisar os palcos, já a magia do Parque Mayer tinha seduzido Fernando Heitor. Ainda miúdo, passou ali muitas tardes de domingo "só para ver" passar o bulício dos artistas, homens e mulheres do espectáculo. Quem lhe diria então que, em 2026, estaria a evocar esses anos e os seguintes, a celebrar um século do Teatro Variedades. E que o Festival se juntaria "à fauna" do Parque Mayer. Ontem, ainda não tinham passado 48 horas sobre a estreia de *Variedades*, o criador juntou-se ao público de Almada para passar em revista o projecto desenhado em parceria com Flávio Gil e João Paulo Soares.

Na conversa moderada por Joaquim Paulo Nogueira couberam memórias, pesquisas,

retratos e as dez personagens que habitam o palco, a tal da "fauna" que moldou e inspirou histórias para esta história. "A peça não tem protagonistas, todos são figuras principais", disse Heitor. Uma varina, um marujo, um ardina, um vendedor de coplas, um cauteleiro, uma menina da barraca de tiros, uma viúva rica, uma escritora, uma costureira e o dono de um restaurante: "Pessoas que frequentavam o Parque Mayer em 1926 e de quem se dizia que eram a 'fauna' do Parque — pejorativamente, mas nós não o dizemos assim, dizemos com todo o carinho".

Fernando Heitor quis homenagear essas pessoas, que "existiram até aos anos 80", enquanto "havia teatro, e restaurantes, e bares, e isso tudo". Pessoas "muito sós, que encontravam no Parque algum aconchego que não tinham na vida". Só não quer chamar-lhe teatro de revista, embora diga que "tem pedacinhos". Adiante, diria tratar-se de um espectáculo "pobre, com cara de

Restaurante da Esplanada

HOJE
Carbonada flamenga
Pastéis de bacalhau com arroz do mesmo
Macarrão com queijo

AMANHÃ
Legumes recheados
Peixe no forno
Caril de lentilhas e espinafres

O Livro do Dia



Editado pela CTA em 2019, **Olga Roriz: Narrativas do corpo** teve uma segunda edição em Maio do ano passado. Este livro resume o curso *O sentido dos Mestres* que a coreógrafa dirigiu no Festival.

2€ na Banca do Festival

rico: musical, divertido e amargo". "Apareçam!", foi o desafio que deixou ao público, não sem antes invocar o nome de Joaquim Benite, fundador da Companhia de Teatro de Almada: "Lembro-me de partilharmos sonhos no Café Monte Carlo, no Saldanha, onde tudo era possível", recordou.

Teresa Dias Mendes

Jazz e tradição

Amanhã haverá um Domingo íntimo no Palco da Esplanada, marcado pela actuação do duo Monks na Meia Praia, composto por Gonçalo Sousa na harmónica e Carlos Garcia no piano. Este agrupamento conta já com três discos gravados, baseados na fusão entre o jazz e a música tradicional portuguesa. De Lagos para Almada, de Thelonious Monk ao corridinho.